Apresentação

Pode parecer inadequada a publicação num periódico como a *Revista Brasileira de Educação* de resenhas de obras editadas já há bastante tempo e não diretamente pertinentes à área da educação. No caso das quatro resenhas seguintes, entretanto, o interesse primordial não está na divulgação das obras resenhadas em si, mas no estabelecimento de um diálogo entre essas obras e os postulados da teoria histórico-cultural sobre desenvolvimento psicológico e processos de aprendizagem.

O caso do chamado "menino selvagem" (cuidadosamente descrito nos relatórios de Jean Itard), criança encontrada no início do século XIX num bosque francês, sem contato com nenhum grupo social, nos remete à questão dos limites entre o humano e o não-humano e ao papel dos processos de educação na constituição do psiquismo. Os casos relatados pelo neurologista Oliver Sacks, de pessoas com diferentes distúrbios neurológicos, também tratam de limites — entre normalidade e anormalidade — e da possibilidade de constituição de uma individualidade humana plena a partir de diferentes condições orgânicas, em interação com circunstâncias históricas particulares. Mais um caso, o do camponês do século XVI estudado por Ginzburg que, diferentemente do que era costumeiro em sua classe social, sabia ler e escrever, também nos faz pensar sobre limites (e transgressão de limites) entre o eu e o outro, entre diferentes fontes de idéias e teorias sobre o mundo, entre analfabetos e alfabetizados, entre culturas letradas e iletradas. Na quarta obra, num texto de natureza diferente dos demais, Tulviste discute no plano teórico, apoiado em resultados de várias pesquisas, a questão do desenvolvimento do pensamento humano em suas relações com a cultura, fornecendo elementos para sistematizar a reflexão sobre vários dos problemas exemplificados pelos casos discutidos nos outros trabalhos resenhados.

O diálogo possível entre as resenhas, e entre as obras a que elas se referem, não é, obviamente, casual: elas foram produzidas por alunos de pós-graduação da Faculdade de Educação da USP, no contexto de uma disciplina por mim ministrada no primeiro semestre de 1996. Seu sentido conjunto remete ao tópico central abordado em tal disciplina: a emergência, ao longo do desenvolvimento, de configurações psicológicas singulares que constituem os sujeitos humanos, como resultado de processos de construção conjunta de significações que ocorrem em diferentes práticas culturais. Dar a público essas resenhas tem o objetivo, assim, de propor uma leitura das obras em questão sob o prisma de uma psicologia do desenvolvimento que guarda estreitas relações com os processos de educação.

Marta Kohl de Oliveira
Universidade de São Paulo

Jean Itard. Memória e relatório sobre Vitor de Aveyron. In: L. Malson. *As crianças selvagens: mito e realidade*. Porto: Civilização, 1967. 136 p.

Vitor foi visto, pela primeira vez, nu enquanto procurava frutos e raízes para comer nos bosques de Caune, França. Três caçadores conseguiram pegá-lo. Devia ter onze ou doze anos, aproximadamente. Não tinha nome. Foi Jean Itard, médico que desenvolveria um projeto de pesquisa sobre o menino, quem lhe deu o nome de Vitor. Mas, antes desse contato com o mencionado médico, o menino selvagem ainda percorreria um longo trajeto. Assim que descoberto pelos caçadores, teve sua guarda confiada a uma viúva, de quem fugiu na primeira oportunidade. Após a fuga, escondeu-se nas montanhas. Resguardava-se à noite, porém, aproximava-se das aldeias de dia, talvez tomado pela curiosidade sobre um lugar que até então desconhecera, ou, quem sabe, porque lhe despertava reminiscências de algo que apagara de sua mente: um outro tipo de vida — a cidade. Inexplicável mas espontaneamente, um dia entra numa casa habitada de Saint-Sernin. Dali é levado ainda para Saint-Affrique e, então, para Rodez. Como Vitor foi parar na selva? Teria se perdido? Como? Teria sido abandonado? Por quê? Por quem? Essas são perguntas para as quais nunca se obteve respostas, mas o fato é que Vitor tornou-se objeto de estudo e protagonista de uma emocionante história.

No entanto, essa história nos parece familiar, pois já pudemos ler uma semelhante nos quadrinhos de Edward Burroughs — *Tarzã* — e assistir a algo similar em vários filmes como *Tarzã — o homem da selva*; *Mogli — o menino lobo*; *Greystock — a lenda de Tarzã* e, mais recentemente, *Nell*. Porém, embora a ficção disponha de recursos que a fazem sedutora aos olhos do leitor, *Memória e relato sobre Vitor de Aveyron* nos comove ainda mais, justamente por se tratar de um fato real. Um sensível relato de um médico que cuidou do menino e tentou reintegrá-lo ao meio a que um dia pertencera.

Antes de passar para o âmbito

dos estudos de Itard, Vitor frustrou as expectativas de que após alguns meses estaria pronto para dar "curiosos pormenores de sua vida passada". Ao contrário, comportava-se como um animal encarcerado: mordia e arranhava quem o servia, era sujo, indiferente a tudo e não prestava atenção a nada. Seus sentidos eram reduzidos à inércia, inferiores a alguns animais domésticos; seus olhos não se conservavam fixos, não se detinham em nenhum objeto, não tinham expressão; seu tato não distinguia objeto em relevo de uma pintura, era reduzido a funções mecânicas do ato de segurar objetos; seu olfato era pouco cultivado, não permitindo a diferenciação entre perfume e mau-cheiro; seus ouvidos eram insensíveis aos violentos ruídos ou música suave; sua voz era muda, emitia apenas som gutural e uniforme.

Quanto às suas funções intelectuais, a princípio o menino demonstrava-se: incapaz de prestar atenção, a não ser a objetos de sua necessidade, logo, incapaz de operações que requeriam atenção (memória, capacidade para apreciar, aptidão para imitar); desprovido de todos os meios de comunicação; sem expressão ou intenção em seus gestos e movimento de corpo; apatia às gargalhadas; insensível à afeição moral; prazer na alimentação desmedida; inteligência resumida à produção de algumas idéias incoerentes, relativas às suas necessidades, desprovida para a abstração. Mostrava sua perfeita assimilação à vida animal que até então levara e, decorrentemente, intolerância à sociedade e suas regras (vestuário, móveis, preparação de alimentos etc.).

Jean Itard, o jovem e eminente médico, que viria a ser considerado posteriormente o fundador da otorrinolaringologia, levando em conta o fato de seu paciente ter sido privado desde a infância de qualquer educação e ter vivido inteiramente separado dos indivíduos de sua espécie, estudou a possibilidade de sua cura. Planejou, então, um tratamento envolvendo cinco objetivos.

O primeiro deles trataria de *adaptá-lo à vida social*, tendo em vista o quadro que apresentava: apatia, hábitos solitários, que se resumiam em comer, dormir, não fazer nada, vaguear pelos campos, apreciar alterações bruscas de tempo (vento de tempestade, sol que voltasse a iluminar depois de ter sido ocultado por nuvem, neve, raios de luar). Houve, portanto, redução nas comidas, refeições menos abundantes, permanência menos longa na cama, incentivo para jantar/almoçar fora, ao mesmo tempo que se buscava despertar-lhe o gosto por novos sabores de alimentos.

Itard concordava com fisiologistas da época que defendiam que a sensibilidade se encontra na razão direta da civilização. Por isso, seu segundo objetivo era *despertar em Vitor a sensibilidade nervosa*. O menino parecia ser imune ao frio intenso e ao calor do fogão; não possuía a sensibilidade que leva ao espirro e às lágrimas e, mais grave, seu ouvido era insensível a ruídos violentos e às explosões das armas, embora fosse capaz de ouvir o ruído do cair de uma noz (gostava de nozes). Itard trabalhou a partir de sentimentos que o jovem conhecia — alegria e cólera. Teve mais sucesso no que se refere a tato, olfato e paladar, uma vez que esses sentidos não passam de modificações do órgão da pele. Submeteu-o, por exemplo, a banhos muito quentes e duchas na cabeça. Ao fim de três meses, mostrava-se sensível à ação do frio, verificava a temperatura do banho e recusava-se a entrar em água pouco quente. Entendeu a razão do uso de roupas. Aprendeu a acordar à noite e ir ao banheiro, para manter o calor da cama. Desenvolveu também sua sensibilidade de tato quanto ao liso, rugoso, mole, consistente, achatado e redondo. Seu olfato tornou-se sensível a alguns odores, seu paladar foi aperfeiçoado. Contudo, o ouvido e a vista, por serem revestidos de aparelhos físicos complexos, apresentaram resultado de mais difícil alcance.

Seu terceiro objetivo — *despertar em Vitor a esfera das idéias, dar-lhe necessidades novas e multiplicar as relações com os que o rodeavam* — foi bem-sucedido. O jovem se arrumava contente e rapidamente para sair, ao reconhecer que o pesquisador estava vestido com chapéu e tinha na mão uma camisa para ele. Jantar, almoçar no campo e fazer passeios tornaram-se uma necessidade, cuja privação deixava-o triste, inquieto e caprichoso. Afeiçoou-se à governanta que o levava aos jardins, separava-se dela com pena e expressava contentamento por voltar a vê-la. Demonstrava carinho pelo pesquisador.

Não houve, contudo, muito sucesso no quarto objetivo: *levar Vitor ao uso da palavra*. O fato de o menino não ser surdo e não conseguir falar intrigava Itard. Este suspeitou a princípio de uma cicatriz que o garoto tinha no pescoço. Tratava-se de uma ferida resultante de golpes com objeto cortante que, pelo aspecto linear, parecia tê-lo afetado superficialmente. Logo, concluiu que o fato poderia ser atribuído ao desfavor das circunstâncias; a falta de exercícios poderia ter levado os órgãos à inaptidão de suas funções. Conseguiu que o menino produzisse: *"leite", "Oh, Deus!", "lhi"*. Este

conseguia expressar sem o uso da palavra suas necessidades (hora de passear; andar de carrinho no jardim; jantar) e a sua insatisfação (por exemplo, pela presença de uma visita indesejada).

Muitos foram os recursos utilizados por Itard para levar Vitor a *exercer as operações mais simples do espírito sobre os objetos de sua necessidade,* seu quinto objetivo, após a tentativa fracassada de utilização do método de alfabetização para surdos-mudos. Vitor não identificava palavras com desenhos, quando, para um surdo-mudo, o desenho é igual à palavra que é igual ao desenho. Após muitos exercícios, conseguiu memorizar e associar que a junção de quatro letras *LAIT* (leite, em francês) = objeto. Nesse processo deu provas de que possuía atenção, reminiscência e memória; podia comparar, discernir e julgar, enfim, aplicar as faculdade do seu entendimento aos objetos relativos a sua instrução.

Ao longo de seu estudo, o pesquisador devotou especial atenção aos desenvolvimentos: 1) das funções intelectuais e 2) das faculdades afetivas. No que se refere às funções intelectuais, fez observações interessantes, como a de que Vitor não conseguia repetir as palavras referentes aos objetos na ausência destes, entendendo, então, que o uso das palavras representava um "exercício preliminar que precedia maquinalmente a satisfação dos seus apetites"; que a relação do objeto com a palavra que o representava era como um *quebra-cabeça*: duas coisas que são juntas, mas uma não significa a outra. Após muitos exercícios, Vitor foi capaz de fazer uso de representações: apontava ou ia buscar objetos de que ouvia o nome, apontava a palavra que se referia ao objeto. Vitor atribuía a mesma idéia e dava o mesmo nome a objetos que não tinham relações uns com os outros, apenas a forma ou o uso — por exemplo: livro = livro, resma de papel, caderno, jornal, brochura; lápis = qualquer pedaço de madeira estreito e comprido; escova = vassoura; vassoura = escova. A inteligência de Vitor tendia para o repouso; necessitava movimentar-se incessantemente por meios artificiais, mas era capaz de inventar: uma navalha podia ser faca, embora logo aprendesse na prática que não servia para cortar pão; inventou um porta-giz, ou seja, fez com que uma grelha de fogão servisse de porta-giz. Outro fato refere-se à nomenclatura das partes que entram na composição de um todo — por exemplo: mãos, dedos, braços não pareciam ter qualquer significado exato. Obteve sucesso, após grande dificuldade, no entendimento da relação entre as partes e o todo. Também conseguiu abstrair e assimilar adjetivos, assim como dar conta dos verbos. Porém, foi penoso o aprendizado da escrita, o qual exigiu exercícios preliminares de imitação: sentar, levantar o braço, pôr um pé para frente etc. Em seguida, imitou riscos, letras, e em alguns meses produziu palavras cujo significado conhecia e, por fim, escreveu para exprimir suas necessidades, para solicitar meios para satisfazê-las, assim como a seus desejos e a vontade dos outros. Não conseguiu produzir fala. Apenas chegou a emitir uma série de monossílabos. Ora agudos, ora graves, com maior ou menor nitidez.

As faculdades afetivas de Vitor merecem ser mencionadas em duas fases. A primeira delas se refere ao período em que o menino foi encontrado. Neste, não se interessou pela pessoa que dele cuidava; separou-se, sem pena ou desgosto, do camponês de Aveyron que o recolheu, tratou com ternura paternal e conduziu a Paris; confundia interesse da curiosidade com os sentimentos de benevolência; afastava-se da pessoa que dele cuidava quando tinha uma necessidade satisfeita, aproximava-se por necessidade; ternura e carinho das pessoas não lhe despertavam nenhum sentimento de reconhecimento; era insensível às vantagens da vida social e o sentimento mais importante para ele era a liberdade. Em um segundo momento, sua afetividade é desenvolvida através de estratégias planejadas por Itard. Este desperta-lhe sentimentos de gratidão e amizade, de arrependimento, de tristeza — em contraposição à apatia inicial, quando não conseguia vencer certas dificuldades nas lições —, de prazer, por conseguir vencer certas dificuldades nas atividades do homem civilizado, sem perder a sensibilidade pela vida primitiva (luar, vento forte, tempestade). A puberdade lhe trouxe sentimentos violentos de inquietação (suspiro, choro, gritos agudos, agressões físicas à governanta, seguidas de arrependimento). Vitor não aprendera a distinguir um homem de uma mulher. O autor esperava que o instinto lhe ensinasse tal diferença. Teve receio de ensinar-lhe sobre as necessidades sexuais, pois temia que viesse a fazer atos de "indecência revoltante" em público.

Itard finaliza seus estudos alinhavando conclusões de duas naturezas. No que se refere a Vitor, conclui que sua educação ficaria incompleta, suas faculdades intelectuais desenvolviam-se lenta e penosamente, como resultado de longa inação, e suas faculdades afetivas apresentavam-se igualmente lentas, subordinadas ao profundo sentimento de egoísmo do menino. Contudo, haviam ocorrido

modificações. Sua vista, olfato e paladar aperfeiçoaram-se, multiplicando as idéias do selvagem e contribuindo para o desenvolvimento das faculdades intelectuais. O conhecimento do valor convencional dos símbolos, aplicação destes para designar objetos e enunciar suas qualidades e ações serviram para ampliar as relações do aluno com pessoas, permitindo-lhe receber ordens e estabelecer troca de idéias, por exemplo. Apesar da indiferença demonstrada inicialmente pela vida social, veio a reconhecer cuidados das pessoas para com ele e amizade carinhosa; queria desempenhar bem as tarefas, envergonhava-se de seus erros e arrependia-se de suas irritações.

No âmbito geral da pesquisa, o autor do relatório conclui que: 1) o homem é inferior a grande número de animais no puro estado da natureza; 2) a superioridade moral, que se diz ser natural do homem, é resultado da civilização, que o eleva acima dos outros animais; 3) a força imitativa, destinada à educação dos órgãos e sobretudo à aprendizagem da palavra, enfraquece rapidamente com o avançar da idade, com o isolamento e as causas que tendem a embotar a sensibilidade nervosa; 4) existe uma relação constante entre as idéias e as necessidades, no selvagem isolado ou no cidadão imerso na civilização; as causas acidentais, locais ou políticas aumentam ou diminuem as nossas necessidades, aumentando ou diminuindo o âmbito dos nossos conhecimentos e o domínio das ciências das belas artes e da indústria social; 5) dentre as ciências naturais, é a medicina moderna que pode cooperar no aperfeiçoamento da espécie humana, estudando as anomalias orgânicas e intelectuais de cada indivíduo, determinando o que a educação poderá fazer por ele e o que dele pode esperar a sociedade.

Não parece ser exagero reafirmar a relevância dessa pesquisa para aqueles que estão envolvidos no processo educacional, quer seja por ofício ou por outras circunstâncias. Apesar de se configurar como um relato médico, seu autor usa de uma linguagem quase literária, impregnada de sensibilidade, proporcional à devoção vocacional esperada de um jovem médico no início de 1800. Talvez Itard tenha se deixado contagiar pelo tipo de narrativa do romantismo literário que se fortaleceu na Europa naquela época. Como reflexo de mudanças sociais, os textos apresentavam uma substituição da linguagem nobre, característica do classicismo do século XVIII, pelas construções coloquiais e populares; traziam, ainda, o predomínio da emoção sobre a razão, a atração pelo fantástico, misterioso e exótico. Um outro elemento intrigante na descrição do autor é o pudor. Apesar de se tratar de um relato médico, houve, por exemplo, a devida preocupação com as palavras quando da descrição do despertar da sexualidade do menino selvagem. Uma descrição com menos melindre, porém científica e mais aprofundada, poderia ter trazido relevantes e reveladoras contribuições para a ciência médica. Compreensível, embora lamentável, a ausência de uma análise psicológica detalhada nesse relato sobre Vitor, um garoto, provavelmente oriundo de uma cultura "civilizada", que viveu supostamente dos cinco aos doze anos na selva. Compreensível, uma vez que a psicologia ainda não se havia estabelecido nesta época; lamentável, posto que muitas das questões estudadas poderiam ter adquirido outras feições, além de ter tornado o processo de reintegração do jovem selvagem menos penoso ou, quem sabe, mais adequado.

A importância desse estudo parece estar no fato de que ele nos fornece material para refletirmos sobre cultura, linguagem, saber primitivo e saber civilizado. Podermos deparar com a realidade de um indivíduo desprovido da nossa cultura com certeza nos faz ter maior noção do processo cultural em que estamos imersos: nossas preferências de paladar, conceitos quanto ao belo e o feio e qualquer outra descrição de objetos que usualmente fazemos, conceitos morais, normas de convivência social etc.

Esse relato nos faz perceber melhor o que Vygotsky (1981) e Levina (1981) afirmam sobre a linguagem. Quando o menino começa a aprender a linguagem para se comunicar com as pessoas de seu novo universo social, entendemos o que os dois autores afirmam quanto à diferença da linguagem em relação a todos os outros tipos de comportamento, pois ela se desenvolve do coletivo para o individual. Afora questões de natureza psicológica, se é que podemos deixar de lado uma análise desse cunho, a ausência do coletivo na infância de Vitor revelou-se um obstáculo em seu desenvolvimento para a convivência em um meio em que predomina o coletivo. Também Pino (1990) vê a linguagem como instrumento da atividade humana, uma vez que permite ao homem integrar-se em e participar de uma complexa rede de relações sociais.

Do ponto de vista do debate entre saber primitivo e saber civilizado, podemos concluir que Vitor revelou-se um vencedor por ter sobrevivido em um meio primitivo e desenvolvido meios próprios para dar conta de seu hábitat adotivo, uma vez que não se originava deste. Sinais de uma inteligência flexível que se adequou a um meio a favor

de sua própria sobrevivência? Talvez possamos defender tal hipótese. De qualquer modo, ele demonstrou estar adequado ao meio em que cresceu no período de cinco a doze anos. Contudo, do ponto de vista do saber civilizado, Vitor deparou com um enorme universo que lhe exigia novos valores, comportamentos e forma de se comunicar. Nesse sentido, o jovem apresentou um agravante: o fato de não conseguir falar, fato este que representou um obstáculo à sua integração à sociedade que o gerou, embora também enfrente esse mesmo obstáculo qualquer outro que careça da habilidade de fala até mesmo nos dias atuais. Se o saber deve estar relacionado com o "para quê?", podemos dizer que para a selva seu conhecimento atendia a todos os apelos de suas necessidades. Para a civilização, que inclusive lhe criara novas necessidades, seu conhecimento se revelava completamente insuficiente, exigindo-lhe novos saberes que lhe restituíram a sensação de segurança e conforto neste novo ambiente.

Embora incomum à literatura daquela época, o texto fica a nos dever a continuidade da história de Vitor. Justamente no desabrochar do jovem o autor suspende o relato, deixando-nos um vazio sobre os rumos de sua vida. O fato é que Vitor se torna um personagem cativante no relato de seu médico Jean Itard. Impossível não torcer para que ele vença na cultura civilizada. É uma história que nos leva quase para a esfera das fantasias ficcionais, não fora pelos dados factuais fornecidos por Lucien Malson, que torna de maior acesso o relato produzido por Jean Itard no início de 1800, que alcançou amplitude pública internacional pela primeira vez através da UNESCO, em 1961.

Referências bibliográficas

VYGOTSKY, L.S., (1981). The instrumental method in psychology. In: WERTSCH, J. V. (org.). *The concept of activity in soviet psychology*. New York: M. E. Sharpe.

LEVINA, R.E. (1981). Vygotsky's ideas about the planning function of speech in children. In: WERTSCH, J.V. (org.). *The concept of activity in soviet psychology*. New York: M. E. Sharpe.

PINO, (1990). O conceito de mediação semiótica em Vygotsky e seu papel na explicação do psiquismo humano. *Cadernos CEDES*, 24, São Paulo: Cortez.

Walkyria Monte Mór
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Oliver Sacks. *Um antropólogo em Marte: sete histórias paradoxais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 335 p.

Olivèr Sacks nasceu em Londres, em 1933, é neurologista, pesquisador e professor de neurologia clínica no Albert Einstein College of Medicine em Nova York. É autor de várias obras, entre elas *Enxaqueca* (1970), *Despertando* (1974), *O homem que confundiu sua mulher com um chapéu* (1986) e a obra aqui resenhada, *Um antropólogo em Marte*.

Trata-se de uma narrativa sobre sete casos clínicos: o caso de um pintor de 65 anos que, num acidente automobilístico, sofreu uma concussão cerebral, razão pela qual desenvolveu um quadro de daltonismo; o caso de um rapaz portador de lesão cerebral secundária a um tumor benigno, retirado cirurgicamente em estágio avançado, apresentando como seqüela cegueira e lapso de memória; um médico cirurgião portador da Síndrome de Tourrete, caracterizada por tiques compulsivos, mímica involuntária, ecolalia, ecopraxia e corprolalia; o caso de um homem que, após 45 anos de cegueira, retira cirurgicamente a catarata e retoma a visão; o caso de um pintor renomado que desenvolveu esta habilidade após um quadro de febre e delírios — o diagnóstico nunca ficou claro —, suas pinturas eram precedidas por imagens precisas da sua vida na infância; o caso de um garoto portador de autismo e um talento especial para memória visual e reprodução gráfica; o caso de uma professora universitária, cientista, também portadora de autismo.

O que nos parece importante considerar é que, embora a princípio os casos sejam distintos, podemos detectar, encontrar linhas comuns entre os estudos, não só no que se refere à natureza dos quadros (distúrbios neurológicos) mas fundamentalmente nos mecanismos de compensação humana ante uma situação adversa.

O autor trata de situações "limítrofes"; no entanto, suas reflexões não nos conduzem ao relativismo entre normalidade e anormalidade, mas sim à capacidade humana de construir vias alternativas e atribuir novos significados (mecanismo comum a todos, mas realizado através de meios específicos e únicos para cada um) em confronto (e interação) com uma realidade sócio-histórica, determinada culturalmente.

Em casos patológicos, decorrentes de doenças neurológicas ou retardo mental, o potencial de adaptação pode sofrer alterações. Segundo Vygotsky (1993), seria um